



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

SETEMBRO DE 2019

1



DESTAQUES ESTATÍSTICOS #29

Observatório das Migrações

Para assinalar o [Dia Internacional da Alfabetização](#), 8 de setembro, o [Observatório das Migrações \(OM\)](#) dedica este *Destaque Estatístico OM* ao tema da **Imigração, Educação e Qualificações**, percorrendo alguns dos dados oficiais internacionais e nacionais acerca do tema.

Este *Destaque* começa por analisar a informação estatística mais recente divulgada pelo EUROSTAT, sendo evidenciada a posição de Portugal no contexto da União Europeia, concluindo-se que o país se destaca positivamente nos indicadores de integração de imigrantes no domínio da educação e qualificações. Analisam-se ainda outros dados administrativos de Portugal para os três níveis de ensino - o básico, o secundário e o superior -, considerando a evolução dos estudantes estrangeiros e, de forma comparada para os nacionais e os estrangeiros, as taxas de transição e conclusão de estudos em Portugal. Nota-se nos últimos anos letivos uma evolução positiva do número de alunos estrangeiros no ensino superior português, e uma melhoria do desempenho escolar dos alunos estrangeiros no ensino básico e secundário.

Conheça também o novo [Poster Estatístico OM](#) sobre migrações, educação e qualificações e continue a aprofundar o tema nos [Posts Sabia que... no facebook](#) do Observatório das Migrações.



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

A União Europeia tem vindo a apostar em políticas de educação e formação como motor de desenvolvimento, coesão e integração da população imigrante. Os benefícios associados à imigração podem também, neste campo, traduzir-se através do envolvimento e valorização das competências que a população imigrante disponibiliza para o mercado de trabalho e no fomento da sua participação ativa através do intercâmbio de valores culturais junto dos países de acolhimento. Os fluxos migratórios abrem assim oportunidades para os países da UE que enfrentam problemas de envelhecimento como resposta para ultrapassar os problemas associados à escassez de mão-de-obra, o que reforça o papel fundamental das políticas de educação e formação.

É ainda importante sublinhar que o caminho para a integração da população imigrante não se resume apenas a identificar o quadro de competências e a forma como podem ser desenvolvidas e utilizadas. O caminho envolve a promoção e o bem-estar social da população imigrante, reconhecendo os benefícios da imigração, apoiando a sua participação no mercado de trabalho, apoiando a valorização das suas competências e contribuindo para a criação de um clima de bem-estar e sentimento de pertença junto das comunidades de acolhimento.

Neste destaque são analisados alguns dos indicadores estatísticos para a educação, definidos no quadro da [Declaração de Zaragoza](#), adotada em 2010 pela UE com o propósito de avaliar e acompanhar as políticas de integração da população imigrante, de forma harmonizada e coerente em todos os Estados-membros. Os dados analisados têm como base a informação estatística mais recente divulgada pelo Eurostat em maio de 2019. Os indicadores estatísticos encontram-se desagregados de acordo com dois grandes grupos da população: nativa (população que nasceu e vive no mesmo país de transmissão dos dados) e população imigrante que vive num país da UE28, diferente do local de nascimento, o qual poderá ser um país da UE28, ou de fora do espaço europeu. Os resultados apresentados permitem uma avaliação da situação na União Europeia e nos respetivos Estados-membros. É evidenciada a posição de Portugal neste contexto, o qual se destaca positivamente em todos os indicadores de integração apresentados neste domínio.

Sabia que em 2018 cerca 34,8% da população imigrante extracomunitária com entre 25 e 54 anos, tinha atingido apenas o ensino básico, resultado que traduz o dobro do verificado para a população nativa nos países da UE28?

Na última década (2008-2018) a UE28, no seu conjunto, registou progressos significativos no domínio da educação. A percentagem da população com 25-54 anos, que apenas concluiu o ensino básico (nível máximo de ensino alcançado) tem vindo a recuar face ao aumento da população com níveis de qualificação mais elevados. Esta tendência é comum a todos os grupos da população, nativa ou imigrante. Contudo subsistem ainda grandes disparidades entre a população que nasceu e reside em países da UE28 (população nativa) e a população imigrante, quer proveniente de países da UE28, quer de países fora da UE28.

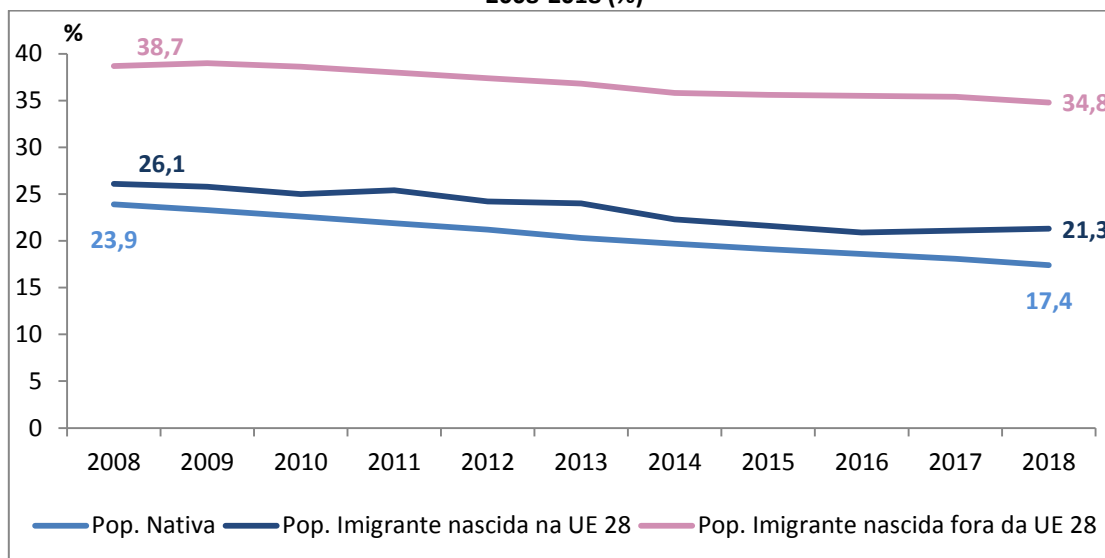
A análise por grupos da população coloca em evidência os contrastes que existem entre a população que nasceu num país da UE28 e fora da UE28. Cerca de um terço da população que nasceu fora da UE28 (34,8%) completou no máximo o nível de ensino básico. O mesmo indicador era de 21,3% para a população



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

que nasceu num país da UE28 diferente daquele onde vive e de 17,4% para a população que nasceu e reside no mesmo país da UE28. Estes resultados sugerem que a população que nasceu fora da UE28 é mais suscetível de vir a alcançar níveis de qualificação inferiores, quando comparada com a população que nasceu na UE28.

Evolução da população com 25-54 anos que completou no máximo o nível de ensino básico, na UE28 2008-2018 (%)



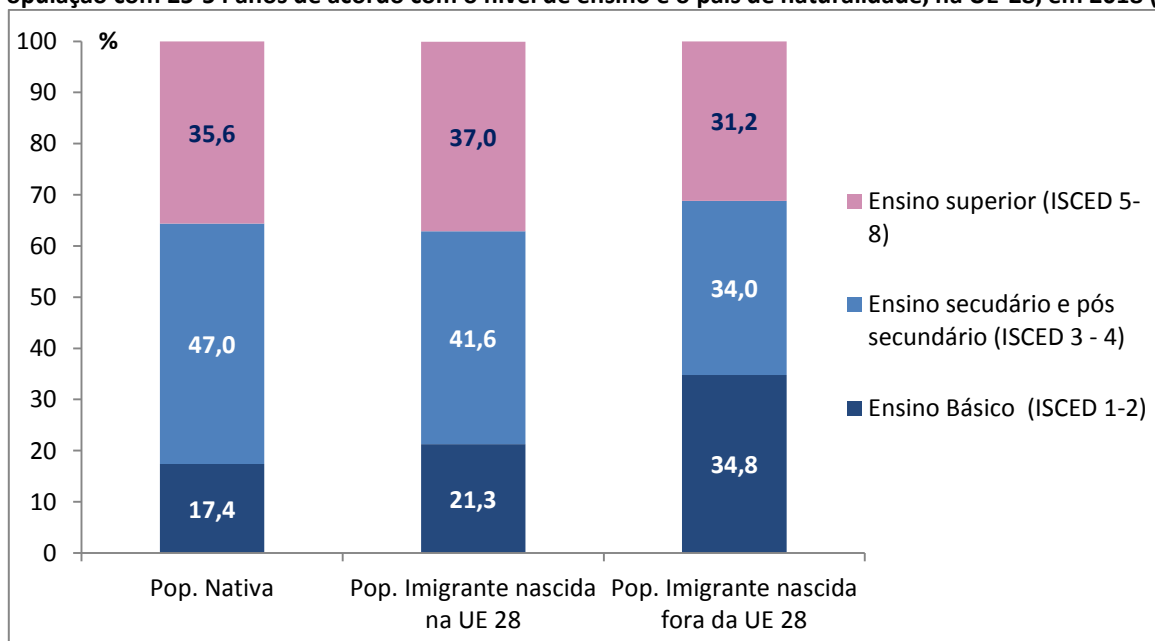
Fonte: Eurostat

Na União Europeia, a análise dos níveis de ensino de acordo com os grupos da população, indica que a população nativa se distribui maioritariamente pelos níveis de ensino superior (35,6%) e secundário (47%), em detrimento do nível básico (17,4%). Pelo contrário, na população imigrante com país de nascimento fora da União Europeia, o nível de escolaridade básico é aquele que tem maior expressão (34,8%), seguindo-se o secundário (34%) e o superior (31,2%). O grupo da população imigrante com país de nascimento na União Europeia, representa um grupo da população com características distintas: a percentagem de pessoas com ensino superior é mais elevada (37%) do que na população nativa (+2,6pp) e apresentam igualmente uma percentagem elevada de pessoas com nível de ensino secundário (41,6%). Estes dados confirmam que neste grupo da população os perfis mais qualificados são mais propensos à migração para outros países da UE, o que possivelmente poderá estar relacionado com melhores oportunidades de trabalho.



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

População com 25-54 anos de acordo com o nível de ensino e o país de naturalidade, na UE-28, em 2018 (%)



Fonte: Eurostat



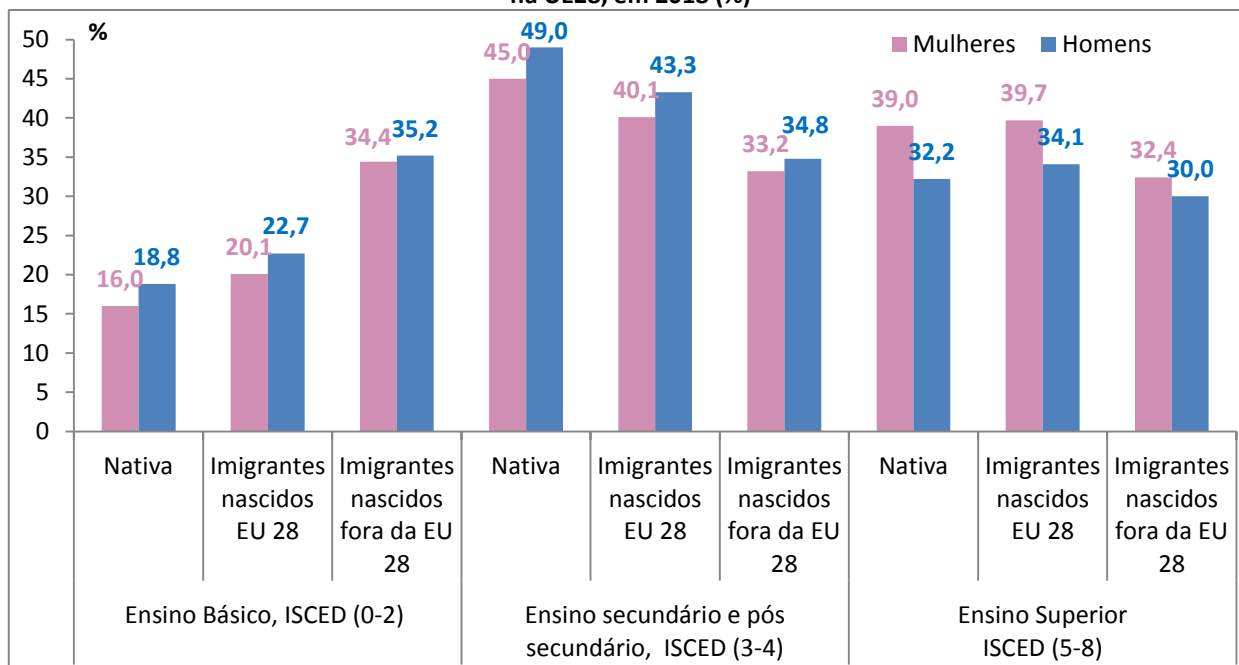
www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que em 2018 a percentagem de mulheres imigrantes em idade ativa na UE28 com ensino superior era maior do que a dos homens imigrantes em iguais circunstâncias, verificando-se a situação contrária nos níveis de escolaridade mais baixos?

Em 2018, a percentagem de mulheres em idade ativa que completou o ensino superior era mais elevada do que a percentagem de homens quer na população imigrante quer na população nativa. Na população imigrante extracomunitária (nascimento fora da UE28) a percentagem de mulheres com nível de ensino superior era de 32,4% e a percentagem de homens era de 30%. Na população imigrante intracomunitária (nascimento na UE28) a percentagem era superior, respetivamente 39,7 % para as mulheres e 34,1% para os homens. Na população nativa as taxas da população com ensino superior completo para a população feminina e masculina são as mais elevadas, respetivamente 39,0% e 32,2%. É neste grupo da população nativa que se observa a maior diferença entre os sexos 6,8pp, contra 2,4pp para a população imigrante extracomunitária e 5,6pp para a população imigrante intracomunitária.

Para os níveis de escolaridade inferiores (básico e secundário), há uma maior proporção de homens do que de mulheres em todos os grupos da população, tanto nativa como imigrante, sendo também esta diferença mais acentuada na população nativa.

Repartição da população com 25-54 anos, por nível de ensino mais elevado concluído, país de nascimento e sexo, na UE28, em 2018 (%)



Fonte: Eurostat

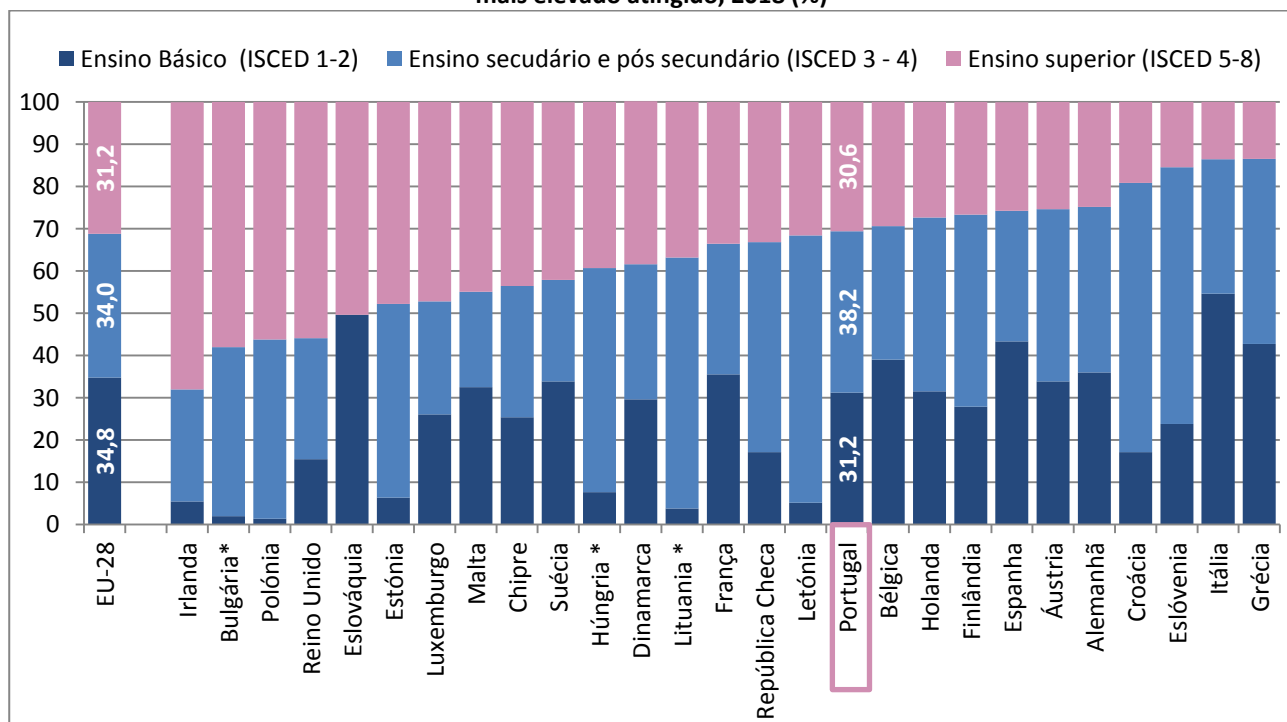


www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que em Portugal a percentagem de imigrantes em idade ativa com ensino superior é ligeiramente inferior à média da UE28?

Em 2018, cerca de 30,6% dos imigrantes em idade ativa a residir em Portugal tinham completado o ensino superior e 38,2% completaram o ensino secundário. Portugal encontra-se acima da média da UE 28, no que diz respeito à percentagem de imigrantes com ensino secundário, respetivamente, 38,2% e 34% e ocupa a décima quinta posição entre os países da União Europeia, encabeçado pela Croácia (63,7%) e pela Eslovénia (60,7%). No que diz respeito ao ensino superior, Portugal está ligeiramente abaixo da média da UE8 (31,2%) e surge na décima quarta posição entre os países da UE28, relativamente à percentagem de imigrantes residentes com ensino superior, embora à frente de países como a Bélgica (29,4%), Holanda (27,4%), Finlândia (26,7%) Espanha (25,7%), Áustria (25,4%), Alemanha (24,8%) Croácia (19,2%) Eslovénia (15,5%) Itália (13,6%) e Grécia (13,5%) onde a percentagem de imigrantes com ensino superior ainda é menor. Destacam-se na situação contrária, a Bulgária, Polónia, Irlanda, Luxemburgo e Reino Unido em que mais de 50% dos imigrantes em idade ativa tinha completado o ensino superior.

Análise da população imigrante nascida fora da UE28, com 25-54 anos de idade, de acordo com o nível de ensino mais elevado atingido, 2018 (%)



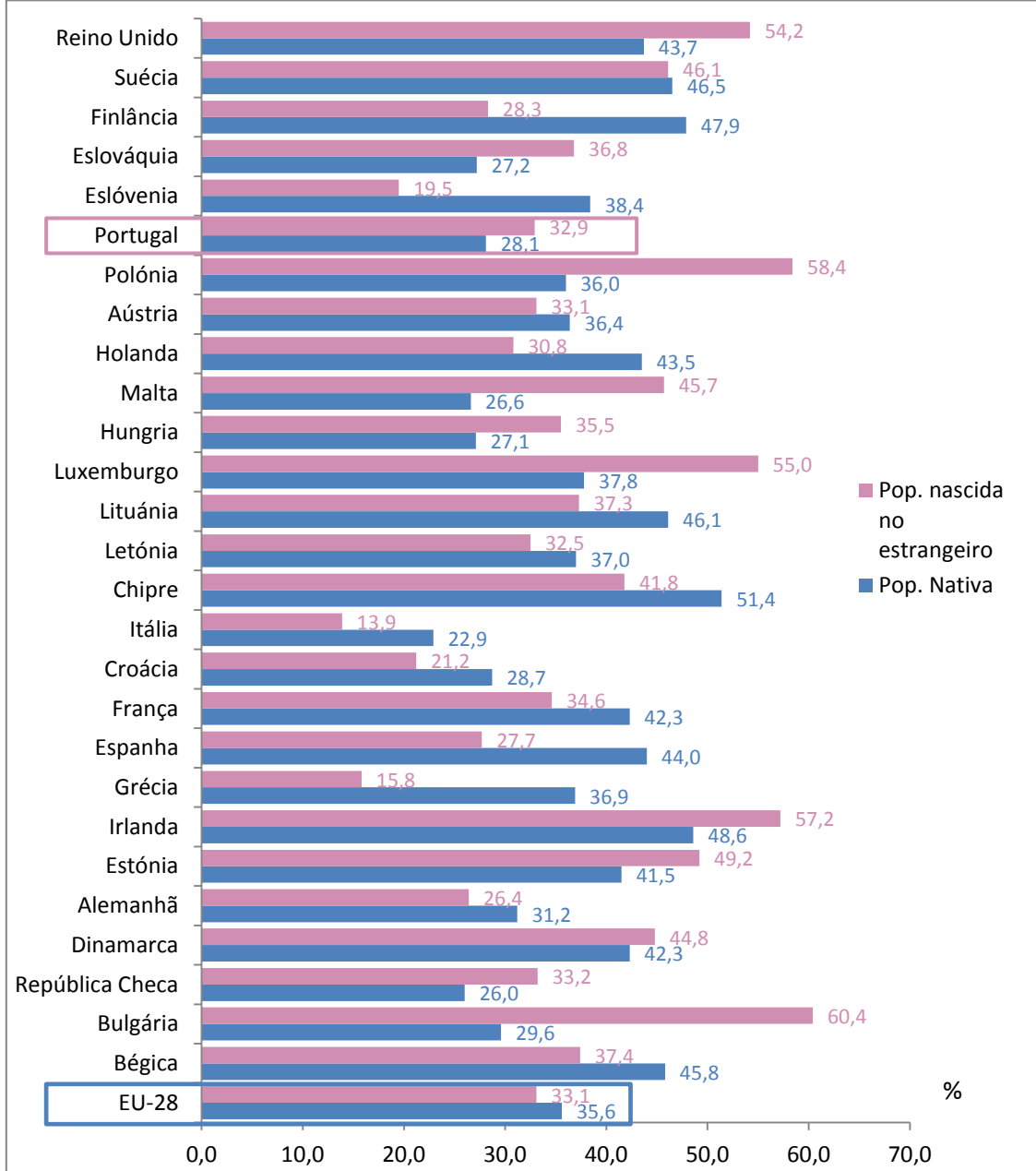
Fonte: Eurostat



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que a percentagem de imigrantes em idade ativa com ensino superior é em Portugal mais alta que o verificado para a população portuguesa residente?

Repartição da população com 25-54 anos com nível de ensino superior, por país de nascimento, 2018 (%)



Fonte: Eurostat. Nota: Representados apenas os países com dados disponíveis



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Em 2018 a população imigrante em idade ativa que atingiu o nível de escolaridade equivalente ao ensino superior na União Europeia era ligeiramente inferior à da população nativa (-2,5pp), respetivamente 33,1% e 35,6%. Contudo, os dados de 2018 revelam que em 12 Estados Membros, incluindo Portugal, a percentagem de pessoas com ensino superior era mais elevada no grupo da população imigrante face ao grupo da população nativa. Em Portugal, cerca de 32,9% da população ativa imigrante possui o ensino superior, em comparação com 28,1% na população nativa (+4,8pp). A Bulgária, é o país da UE28 onde esta diferença é mais significativa (cerca de 30pp), seguindo-se o Luxemburgo.

8

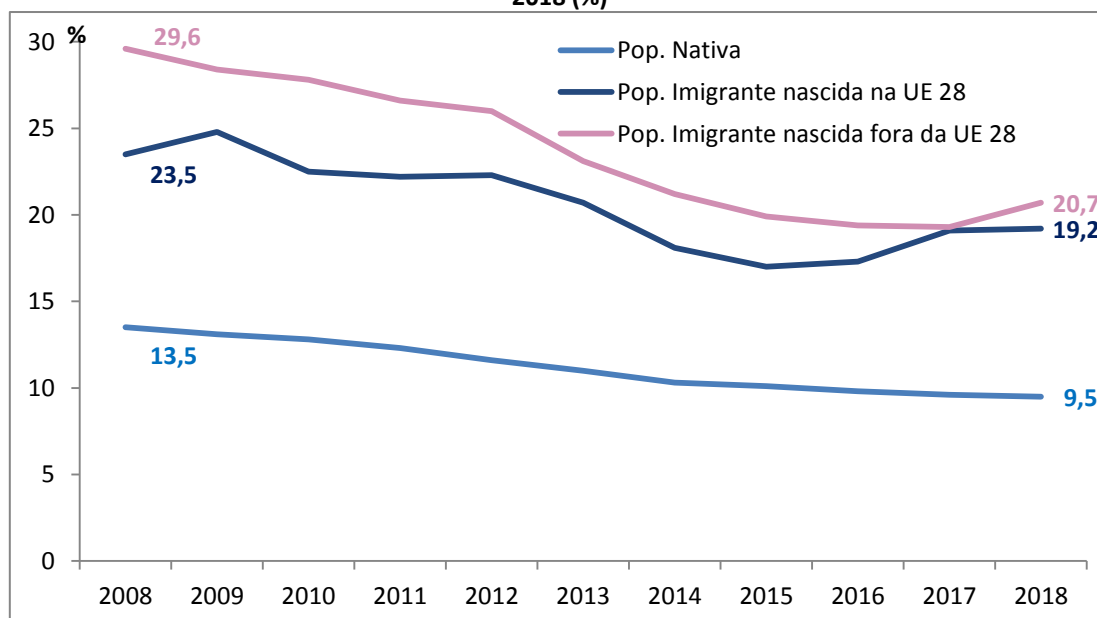


www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que Portugal está entre os países da UE28 com menor taxa de abandono escolar precoce junto da população imigrante com 18-24 anos?

O abandono escolar precoce afeta particularmente a população imigrante e representava, em 2018, mais do dobro do verificado entre a população nativa, respetivamente 20,7% e 9,5%. Contudo ao longo da última década o abandono escolar tem vindo a diminuir e de forma mais acentuada junto da população imigrante, (-9 pp), o que permitiu reduzir a diferença face à população nativa.

Evolução da taxa de abandono escolar precoce na população com 18-24, de acordo com o país de nascimento, em 2018 (%)



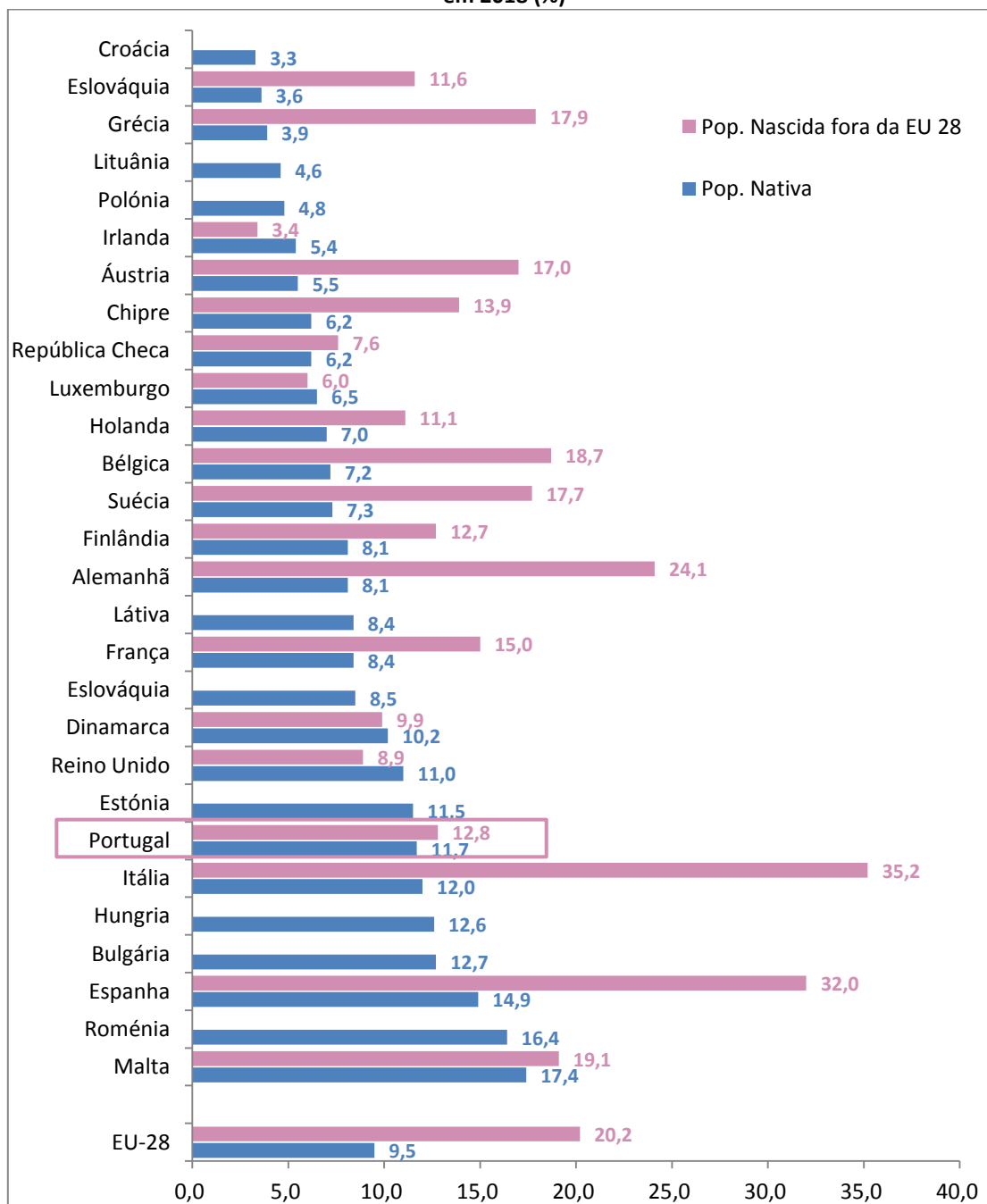
Fonte: Eurostat

Em 2018, Portugal estava entre os oito países da UE28 com menor taxa de abandono escolar precoce junto da população imigrante (18-24 anos), 12,8%, e encontra-se muito abaixo (-8,8 pp) da média da UE28, com 20,2%. A Irlanda, com 3,4%, o Luxemburgo com 6,0% a República Checa com 7,6%, o Reino Unido com 8,9%, Dinamarca com 9,9%, a Holanda com 11,1%, a Eslovénia com 11,6% e a Finlândia com 12,7% são os países da EU28 que apresentaram, em 2018, taxas de abandono escolar precoce inferiores a Portugal. Na situação contrária, estava a Itália com o valor mais elevado, 35,2%, seguida de Espanha com 32% da Alemanha com 24,1% que representam os países com uma maior taxa de abandono escolar precoce entre a população imigrante.



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Taxa de abandono escolar precoce na população com 18-24 anos de acordo com o país de nascimento da população em 2018 (%)



Fonte: Eurostat. Nota: Representados apenas os países com dados disponíveis



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

A comparação entre a taxa de abandono escolar precoce na população nativa e na população imigrante evidencia realidades muito distintas nos países da UE28. Portugal está entre os países que apresenta uma diferença menor entre a taxa de abandono escolar verificada na população nativa e na população imigrante, apenas 1 pp, a par de Malta com 1,7pp. Na situação oposta, encontram-se países como a Itália (23,2 pp); Espanha (17,1pp); e Áustria (11,5pp), Espanha e Áustria, em que esta realidade atinge de forma muito diferente estes dois grupos da população. De referir ainda que no Reino Unido, Irlanda e Luxemburgo, a taxa de abandono escolar precoce da população imigrante é inferior à verificada na população nativa.



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

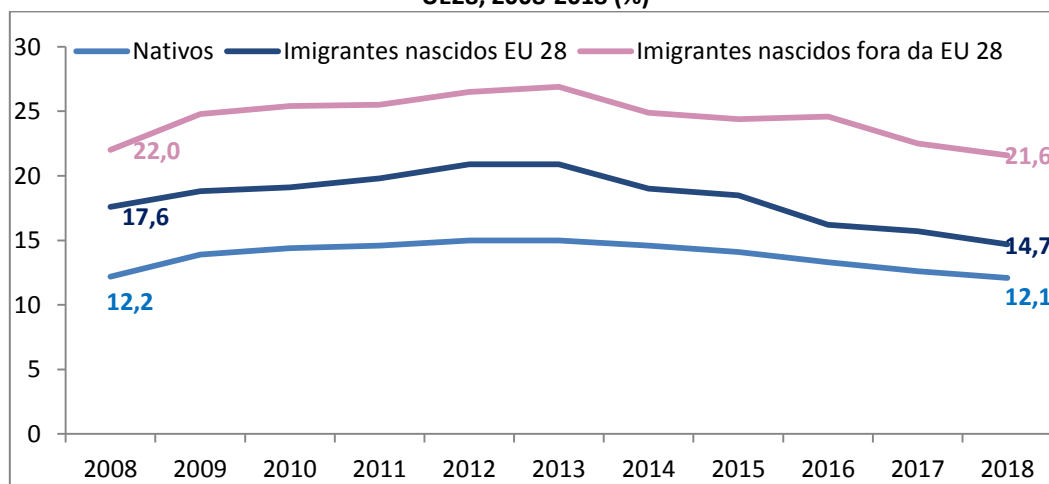
Sabia que Portugal é um dos países da UE28 com menor taxa de jovens imigrantes que não trabalham nem estudam?

Na última década, a percentagem da população jovem (15-29) que não trabalha nem estuda NEET (*Neither in Employment nor in Education and Training*) tem-se mantido relativamente estável independentemente do grupo populacional, nativo ou imigrante. Nos anos de crise económica, em particular 2012/2013, observou-se um aumento deste fenómeno, em todos os grupos da população, que voltou a retomar os valores habituais nos anos seguintes.

Em 2018 a taxa de NEET na União Europeia era de 12,1% na população nativa, de 14,7% na população imigrante de países da União Europeia e de 21,6% na população imigrante proveniente de países terceiros.

Os dados apresentados evidenciam uma vez mais os contrastes entre os grupos populacionais e em particular a grande disparidade entre a realidade das comunidades nativas e da população imigrante de países terceiros.

Percentagem de jovens com 15-29 anos que não trabalha nem estuda, de acordo com o país de nascimento, na UE28, 2008-2018 (%)



Fonte: Eurostat

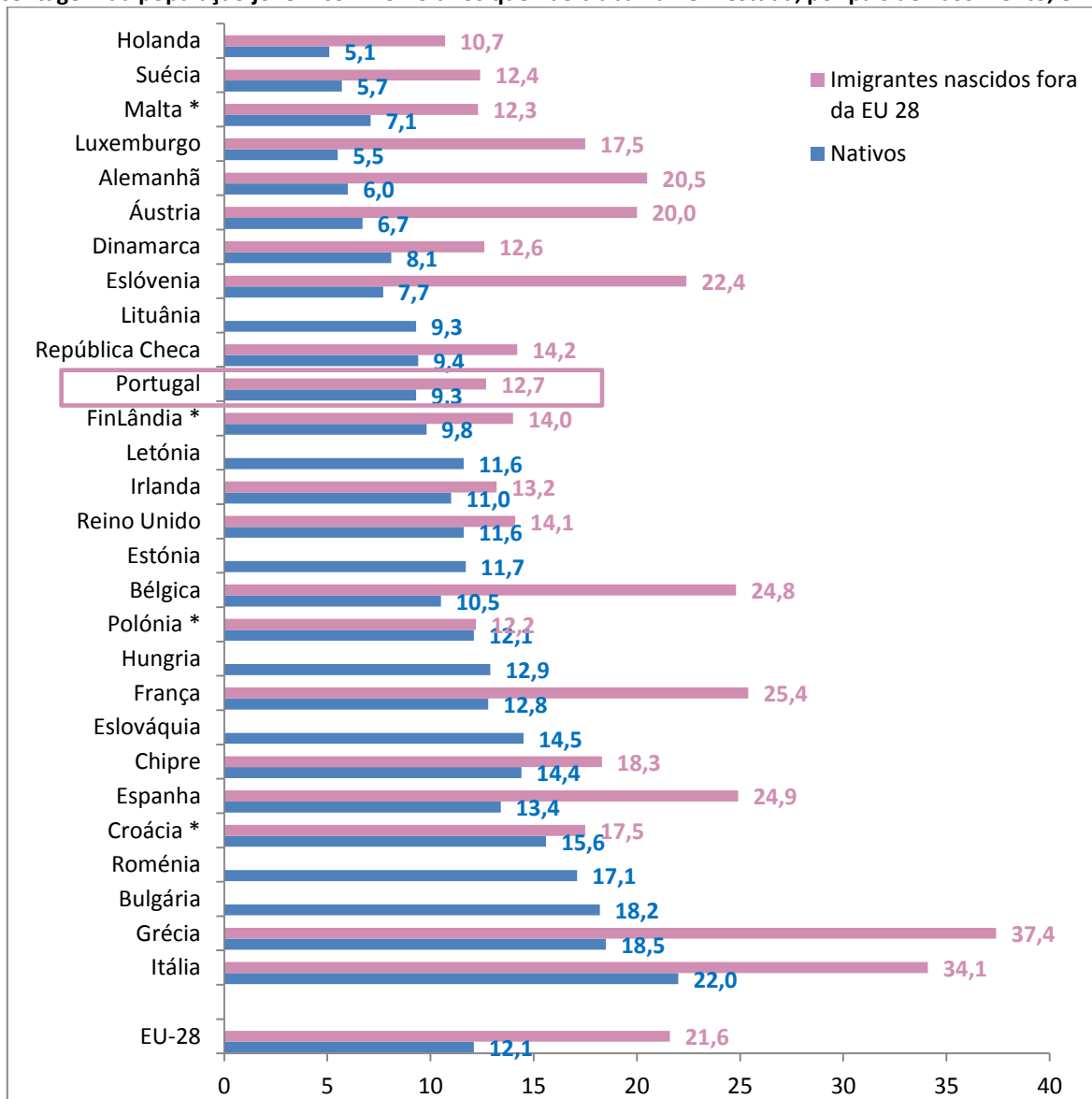
De acordo com os dados publicados pelo Eurostat, os países da União Europeia evidenciam realidades muito distintas e algumas tendências. Em 2018, todos os países apresentaram taxas de NEET da população imigrante superiores às da população nativa. Portugal revela uma vez mais um desempenho positivo no que diz respeito a este indicador de integração. A percentagem da população em situação NEET era de 9,3% da população nativa e 12,7% da população imigrante. Abaixo de Portugal surge a Holanda, com 10,7% de imigrantes que não trabalham nem estudam, seguindo-se, a par do nosso país, a Polónia, com 12,2%, Malta, com 12,3%, Suécia, com 12,4% e a Dinamarca, com 12,6%. A Grécia foi, em 2018, o país da UE28 com maior percentagem de imigrantes que não trabalha nem estuda, seguindo-se a Itália com 34,1%, a



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

França com 25,4%, Espanha com 24,9%, Bélgica com 24,8%, Eslovénia com 22,4%, Alemanha com 20,5% e Áustria com 20%.

Percentagem da população jovem com 15-29 anos que não trabalha nem estuda, por país de nascimento, em 2018



Fonte: Eurostat. Nota: Representados apenas os países com dados disponíveis

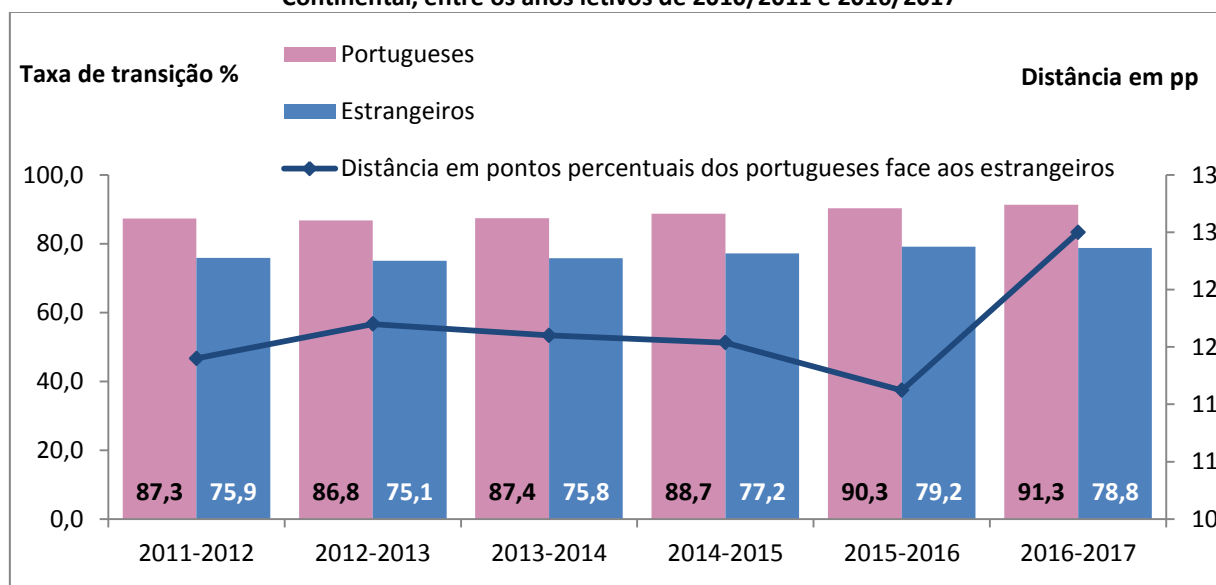


www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que tem vindo a melhorar o desempenho escolar dos alunos estrangeiros no Ensino Básico e Secundário português?

O [Programme for International Student Assessment](#) (PISA) da [Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico](#) (OCDE) realiza-se a cada três anos, e testa estudantes de 15 anos de todo o mundo em leitura, matemática e ciências. Os testes são projetados para avaliar quão bem os alunos dominam as disciplinas principais para se prepararem para situações da vida real no mundo adulto. O PISA publica os resultados um ano após os alunos serem testados para ajudar os governos a moldar a sua política educacional. Os estudantes imigrantes são avaliados pelo PISA por comparação com os seus pares nativos. Assim o PISA mede a diferença de desempenho entre os dois grupos e analisa fatores de contexto, como a participação e a probabilidade de colocação em escolas com uma grande parcela de estudantes socialmente desfavorecidos. Os dados têm revelado uma evolução positiva na integração destes alunos (encontre aqui alguns resultados 2015 para [Portugal](#)).

Taxa de transição/conclusão dos alunos no Ensino Básico e Secundário, segundo a nacionalidade, em Portugal Continental, entre os anos letivos de 2010/2011 e 2016/2017



Fonte: Observatório das Migrações (C.R. Oliveira e N. Gomes, [Indicadores de Integração de Imigrantes 2018. Relatório Estatístico Anual](#), p. 116) a partir de dados da DGEEC-Ministério da Educação.

As avaliações promovidas pela OCDE (vd. a mais recente [PISA 2015 results. Excellence and Equity in Education, volume I, Paris: OCDE](#)) revelam que, de forma geral, os imigrantes tendem a apresentar maiores dificuldades em obter bons resultados escolares, quando comparados com os nacionais dos países de acolhimento. Importa atender, porém, que as maiores dificuldades ou piores desempenhos escolares não se associam apenas à condição imigrante, mas sobrepõem-se a condições socioeconómicas distintas de partida: verifica-se o papel explicativo da classe social e das características dos indivíduos e dos seus agregados familiares (e.g. género, qualificações dos pais, meio onde residem rural/urbano ou



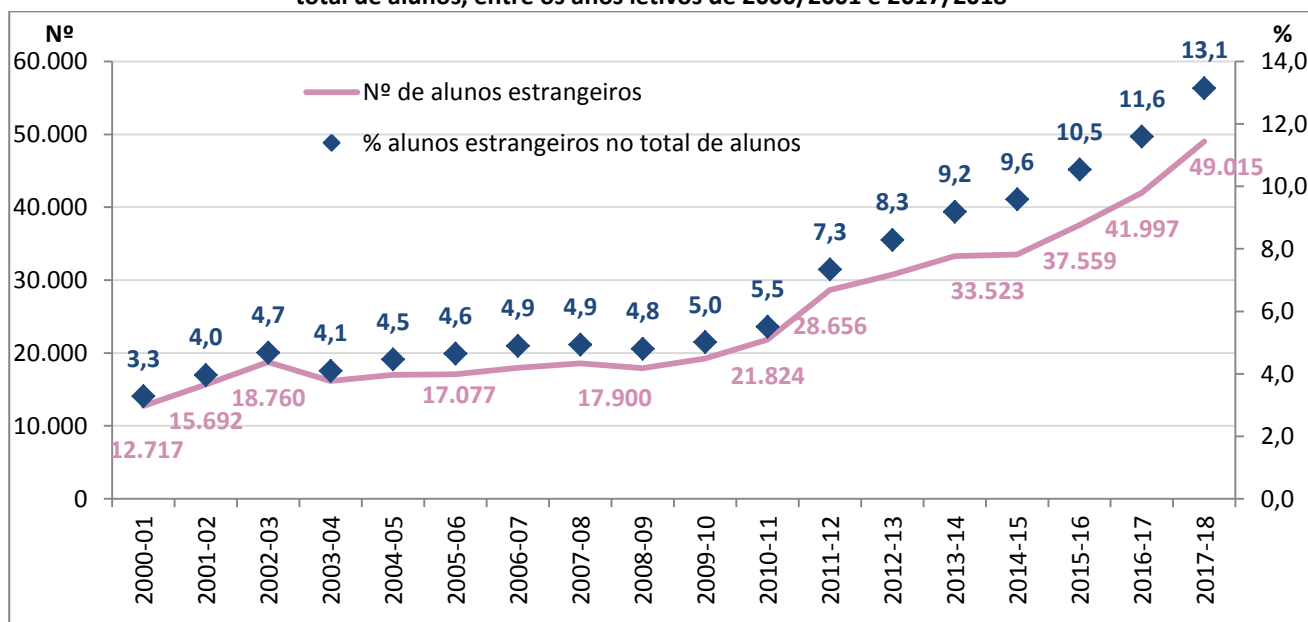
www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

centro/subúrbio) nas performances escolares, sendo que estas dimensões tendem a suplantar a influência explicativa que a origem étnica ou cultural pode ter. Os estudantes imigrantes estão frequentemente em situações de dupla desvantagem pela sua condição de imigrante e pela sua classe social ou privação social (PISA, 2016: 244).

Não sendo Portugal exceção neste domínio, nota-se nos últimos anos letivos uma evolução positiva no desempenho escolar dos estrangeiros matriculados, diminuindo a distância entre alunos estrangeiros e alunos nacionais. Desde o início da década nota-se uma melhoria do desempenho escolar dos alunos estrangeiros do ensino básico e secundário (melhoraram a sua taxa de transição/conclusão em cerca de 3 pontos percentuais). Na edição mais recente do PISA (PISA, 2016) Portugal é destacado como o país da OCDE que mais melhorou a performance dos alunos imigrantes nesta última década, sendo também o país onde mais se reduziu a distância entre os resultados dos imigrantes e dos restantes alunos.

Sabia que desde o início do século aumentou significativamente o número de estudantes estrangeiros inscritos no Ensino Superior português?

Número de alunos estrangeiros inscritos no Ensino Superior em Portugal, e percentagem de alunos estrangeiros no total de alunos, entre os anos letivos de 2000/2001 e 2017/2018



Fonte: Observatório das Migrações (C.R. Oliveira e N. Gomes, *Indicadores de Integração de Imigrantes 2019. Relatório Estatístico Anual*) a partir de dados da DGEEC-Ministério da Educação.

Desde o início do século tem aumentado o número de estudantes estrangeiros inscritos no Ensino Superior, que atingiu 13% do total de estudantes no ano letivo 2017/2018, representando cerca de quatro vezes mais do que eram no início do século (de 13 mil estudantes, quando representavam apenas 3,3% do total de alunos inscritos, passaram para 49 mil). Este aumento evidencia, entre outras razões, algumas mudanças



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

no enquadramento legal português com vista à captação de estudantes internacionais para o ensino superior. No ano letivo de 2017/2018 o ensino superior português integrou alunos de 170 nacionalidades diferentes, destacando-se os nacionais do Brasil (32,9% do total de estudantes estrangeiros) e os nacionais de países da União Europeia (32,6% do total de alunos estrangeiros) que têm vindo a aumentar, por oposição à evolução dos alunos dos PALOP cuja importância relativa tem vindo a diminuir (no ano letivo de 2011/2012 representavam 30%, passando para 19,6% no ano letivo de 2017/2018).